

## BREVE ESBOÇO SOBRE A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO MILITANTE COMUNISTA CAIO PRADO JÚNIOR

**Luiz Bernardo Pericás**

**Historiador e professor-pesquisador do IEB/USP**

A partir do momento em que ingressou no PCB, em 1931, Caio Prado Júnior iria se destacar como um dos mais importantes intelectuais marxistas do Brasil, ao mesmo tempo em que se empenharia, especialmente naquela década, em cumprir uma intensa agenda como militante. É verdade que desde o final dos anos vinte, a política do Comintern de perseguição a dirigentes e intelectuais que representavam, supostamente, vozes dissonantes dentro da linha de “classe contra classe” propugnada por Moscou, havia resultado na expulsão ou exclusão dos órgãos máximos dos diferentes partidos comunistas, de personalidades destacadas como Jay Lovestone, Benjamin Gitlow e Bertram Wolfe, nos Estados Unidos; Manabendra Nath Roy, na Índia; Heinrich Brandler, na Alemanha; Joaquín Maurín, na Espanha; José Penelón, na Argentina; e Octavio Brandão, Astrojildo Pereira e Leôncio Basbaum no Brasil, só para citar alguns exemplos. A onda de expurgos por “desvios” de direita e pequeno-burgueses abarcou agremiações ligadas à IC em todo o mundo. Caio Prado Júnior se filiou ao PCB, portanto, num período “obreirista” teoricamente desfavorável àqueles com sua trajetória pessoal e origem de classe. Afinal, ele era filho de uma das mais ricas e tradicionais famílias da elite paulista, e fora integrante, desde 1928, do Partido Democrático. Mas isso não impediu que desenvolvesse distintas atividades de apoio aos trabalhadores e à União Soviética.

Já em 1932 foi um dos fundadores de duas entidades importantes, a Sociedade de Socorros Mútuos Internacionais e o Clube de Artistas Modernos. Durante todo aquele ano, trabalhou com entusiasmo para criar cursos marxistas e uma publicação voltada para o movimento operário. Ainda assim, seria acusado pelo Comitê Regional de seu partido de estar planejando um “golpe de Estado” interno e de ter vínculos com elementos “trotskistas”, ambas as acusações que ele rejeitaria categoricamente. Na ocasião, se situaria no campo do “marxismo-leninismo”.

Logo depois de entrar no Partido Comunista, participou de sessões do “Congresso Social” e da “Sociedade dos Amigos da União Soviética” na capital paulista. A partir de 1933, estabeleceu contato com a Associação de Amigos da União Soviética espanhola, e dois anos mais tarde, na condição de secretário da recém-fundada Associação dos Geógrafos Brasileiros, escreveu para a VOKS, com o intuito de criar uma ponte entre as duas entidades e intercambiar publicações. Nos anos trinta, Caíto também seria responsável pela tradução de *Teoria do materialismo histórico*, de Nikolai Bukhárin (Edições Caramuru), em quatro volumes.

É importante lembrar que já naquela primeira década no PCB, CPJ iria adquirir a obra completa de Marx, Engels e Lênin, assim como alguns livros de Kaganovich, Stalin, Trotsky, Bela Kun, Rosa Luxemburgo, Georges Sorel, Losovsky e Riazanov. Ele compraria muitos destes volumes remetendo dinheiro diretamente ao *Bureau D'Editions* do Partido Comunista Francês, que lhe enviaria periodicamente livros e publicações comunistas. Em outras palavras, Prado Júnior certamente possuía um sólido conhecimento do marxismo, ao contrário do que muitos críticos tentaram insinuar, mesmo que seus textos não refletissem *necessariamente* isso.

Sua atuação política se aprofundou em 1935, ao se tornar vice-presidente da ANL (Aliança Nacional Libertadora) em São Paulo; por ser um dos principais articuladores da “Frente Popular por Pão, Terra e Liberdade”, no mesmo estado; no exílio na França, entre 1937 e 1939, participando de um comitê em apoio aos refugiados republicanos que lutavam contra as hostes fascistas de Franco na Guerra Civil espanhola; ao manter, na mesma época, ligações com o Partido Comunista Francês; nos embates da II Conferência Nacional do Partido (o “Encontro da Mantiqueira”), em 1943, ao integrar, junto a amigos militantes como Heitor Ferreira Lima, Astrojildo Pereira e Mário Schemberg, os “Comitês de Ação”, que defendiam a luta contra o governo Vargas, em contraposição à Comissão Nacional de Organização Provisória, apoiada por Luiz Carlos Prestes; e ao ser eleito deputado estadual em 1947 (tendo seu mandato cassado no ano seguinte, após dez meses atuando ativamente como parlamentar).

Seu papel como fundador da Editora Brasiliense (1943), da Gráfica Urupês (1954) e da *Revista Brasiliense* (1955) merece destaque: foi o responsável por criar importantes espaços extra-partidários para a divulgação de ideias progressistas no país.

Na trincheira ideológica e no combate intelectual, sua editora e seu periódico seriam ferramentas importantes para aqueles que militavam na esquerda nacional.

Os diferentes momentos em que esteve preso ao longo da vida também mostram que era capaz de assumir seu compromisso social até as últimas consequências. Ainda assim, sentia-se insatisfeito por ter sido relegado a uma posição de segundo plano dentro do PCB, agremiação para a qual sempre contribuiu, inclusive em termos financeiros. Afinal, Prado Júnior chegou a organizar festas para levantar fundos para o partido e a manter uma gráfica clandestina com seu próprio capital.

Em 1933, visitou a União Soviética pela primeira vez. A viagem resultou em duas palestras lotadas no CAM e num livro, *URSS, um novo mundo*, publicado em 1934. Ele ainda voltaria à terra de Lênin, em 1960 (indo em seguida à China maoísta), experiência que renderia outra obra, *O mundo do socialismo*, lançada em 1962.

O fato é que até 1968 (ano em que criticou duramente o PCUS em telegrama enviado à Embaixada da URSS em nosso país, ao ficar indignado com a invasão das tropas do Pacto de Varsóvia na Tchecoslováquia), ele sempre apoiaria irrestritamente o Kremlin. Por isso, foi um dos fundadores, em 1960 (junto com seu primo Elias Chaves Neto, entre outros), da União Cultural Brasil-União Soviética em São Paulo. E também, pelo mesmo motivo, seria convidado algumas vezes por seu leitor e admirador, o embaixador Sergei Mikhailov, a dar palestras ou a participar de comemorações nacionais na legação soviética. Mas após a entrada dos tanques da “Cortina de Ferro” em Praga, ele acusaria o governo e o partido da “pátria do socialismo” de “traição” e de “insultar a memória” de Marx, Engels e Lênin. Nunca mais sua relação com a URSS seria a mesma.

Ao longo dos anos, CPJ se correspondeu regularmente com seu amigo Jacob Bazarian, que morava em Moscou e era secretário da Seção de Filosofia da Associação Soviética de Amizade e Relações Culturais da América Latina (seria também professor titular de sociologia nas Faculdades de Direito, de Administração e de Relações Públicas da Fundação Karnig Bazarian, de Itapetininga), para se manter a par do que se publicava e discutia na URSS, especialmente em relação à “filosofia”, campo em que queria ser mais levado a sério. Era muito conhecido e respeitado pelos acadêmicos da ACUS, com os quais, por vezes, tinha profundas discordâncias.

Igualmente com o colega João Belline Burza, então neuropsiquiatra do Instituto P. K. Anokhin de Fisiologia Experimental da Academia de Ciências Médicas, da URSS, intercambiou cartas, recebendo dele informações atualizadas sobre o país.

Prado Júnior dialogaria com a produção intelectual soviética em artigos e resenhas como aquele relativo ao editorial da revista *Kommunist*, intitulado *A dialética materialista*; o tratado de U. P. Icherkov (entre outros), *Materialismo dialético*; e a obra de divulgação da ACUS, *Manual de economia política*, por exemplo. Na verdade, ele se aprofundou nos estudos da filosofia desde o começo da década de cinquenta, publicando, ao longo do tempo, livros como *Dialética do conhecimento* (em dois volumes) e *Notas introdutórias à lógica dialética*. No bloco socialista, havia quem o considerasse como um importante “filósofo” da América Latina, ainda que no Brasil ele nunca tenha recebido tal reconhecimento.

Prado Júnior também se interessaria muito por outras experiências socialistas. Em 1949, participou do Congresso da Paz, em Paris, e logo em seguida viajou para a Polônia e Tchecoslováquia (jornada que renderia um artigo em duas partes publicado na revista *Fundamentos*); no final de dezembro de 1961 e janeiro de 1962, esteve em Cuba; e em agosto de 1963, visitou rapidamente a Alemanha Oriental. Faria grandes elogios ao modelo vigente em todos aqueles países.

Na segunda metade da década de sessenta, causou polêmica com seu *A revolução brasileira*, e apesar das distintas críticas que recebeu (tanto de camaradas como de outras organizações de esquerda), foi agraciado em 1966 com o Prêmio Juca Pato de intelectual do ano. A partir daí, sua intervenção no debate político nacional, que já era relativamente tímida, diminuiu bastante. Foi preso em 1970, e após ser libertado, no ano seguinte, praticamente não teve mais envolvimento direto com o partido, mesmo permanecendo filiado a ele até o final. Ainda assim, o autor de clássicos como *Evolução política do Brasil* (1933), *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) e *História econômica do Brasil* (1945), seguiria publicando livros, como aquele em que discute o estruturalismo de Lévi-Strauss e o marxismo de Louis Althusser; dois livretos sobre “liberdade” e “filosofia”; outro sobre a cidade de São Paulo; e uma coletânea com textos sobre a questão agrária. Seu filho, Caio Graco, que dirigia a Editora Brasiliense na época, seria o responsável por continuar divulgando sua obra. Enfermo em seus últimos anos, Caio Prado Júnior não teria mais

qualquer participação política ativa. Ainda que o papel de militante no PCB e os vínculos com o mundo do socialismo sejam vistos por alguns como aspectos menos significativos na sua trajetória, na prática, eles exerceram, sem dúvida alguma, forte influência na formação intelectual e política de nosso grande historiador, ao longo de toda sua vida.